

sesc tv

Agosto/2015 - edição 101
sesc tv.org.br/aovivo

GALÁXIAS
**VISÕES DO BRASIL
CONTEMPORÂNEO**

ENTREVISTA
AS LINGUAGENS
DE ISA GRINSPUM
FERRAZ

DOCUMENTÁRIO
EDUARDO COUTINHO
DE FRENTE PARA
AS CÂMERAS



9 771676 033003

Laboratório

Imersão Olho-Urubu

Poemas audiovisuais
direção: André Guerreiro

em setembro

Acompanhe o SescTV:
sesctv.org.br

Múltiplas vozes e diferentes pontos de vista enriquecem o debate sobre as sociedades em constante transformação. Para que o corpo social cresça e amadureça, é necessário colocar em pauta a revisão de conceitos e de novas formas de sociabilização, sob uma análise sóbria da realidade, à luz do mundo contemporâneo.

Na tentativa de contribuir e ampliar a discussão de temas urgentes no cotidiano brasileiro, o SescTV estreia em agosto *Galáxias – Olhares Sobre o Brasil*, série documental de 12 episódios sobre o contemporâneo do país e suas perspectivas de futuro. Trata-se de uma reflexão a respeito de aspectos importantes da vida em sociedade, a partir de uma abordagem interdisciplinar e intercultural. O projeto tem direção de Isa Grinspum Ferraz, que fala sobre sua trajetória em entrevista exclusiva.

A **Revista SescTV** deste mês traz também uma das últimas entrevistas do mestre do documentário Eduardo Coutinho. O filme *Eduardo Coutinho, 7 de Outubro* inverte o jogo e coloca o maior entrevistador do cinema brasileiro de frente para as câmeras, em um filme dirigido por Carlos Nader. Há ainda os shows instrumentais nacionais e internacionais do *Festival A Música Muda* e o artigo do professor doutor Jaime Tadeu Oliva, pesquisador do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, sobre a comunicação na sociedade contemporânea brasileira. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

Série Galáxias - Olhares sobre o Brasil.
FOTO: Copa na Rocinha, Mídia NINJA.

SescTV é um projeto de difusão cultural do Sesc em São Paulo. O canal é distribuído gratuitamente e tem por missão ampliar a ação do Sesc para todo o Brasil.

Alquimia Sonora

FOTO: DIVULGAÇÃO



Não é apenas com belas vozes e letras inspiradoras que se faz uma canção. Os músicos clássicos que o digam, e até quem já produzia algo anteriormente pode engrossar esse coro – já que não é possível precisar o que surgiu primeiro, a música vocal ou as melodias compostas por batidas de instrumentos rudimentares e percussões corporais. Se por um lado uma voz afinada cantarolando um hino de amor, ou qualquer outro tema, é algo bonito, por outro a isenção da voz pode dar mais liberdade aos músicos, como afirma Dane El, guitarrista da banda de rock instrumental Huey.

“A voz é muito protagonista. Quando tem uma voz, tudo é muito guiado por quem está cantando ou pela letra. Já a gente vai de acordo com o que a música pede na composição. Todo mundo contribui. Não tem protagonismo. Acho que isso é o mais interessante na música instrumental. Todo mundo que toca tem a mesma importância”, comenta o músico.

O cuiabano Dane El e sua banda se unem a artistas nacionais e internacionais no festival *A Música Muda*, gravado no Sesc Pompeia em 2014. O projeto privilegia apresentações que utilizam como matéria-prima a música que dispensa palavras. O evento reuniu os grupos instrumentais brasileiros Labirinto, Macaco Bong e Huey, além da banda argentina Falsos Conejos,

a norte-americana Dub Trio e a japonesa Mouse on the Keys. A diversidade sonora no palco mostra que a música instrumental não é um estilo, mas algo que pode abraçar vários gêneros, do jazz ao metal, embebidos em uma peculiaridade de climas e ambiências sonoras.

Exemplo disso é Mouse on the Keys. Como uma alquimia, o grupo combina o som único da bateria à sonoridade de dois pianos e dois teclados, mesclando rock e heavy metal à música clássica e jazz, além de utilizar projeções de imagens de símbolos geométricos, objetos 3-D e abstrações. O líder da banda, Akira Kawasaki, justifica o experimentalismo do trabalho pela liberdade de composição. “No instrumental não há vocal e canto, então nossa técnica acaba sendo o nosso diferencial. Em uma banda instrumental temos mais liberdade para colocar ritmos mais complexos em nossas músicas”, esclarece.

Já os nova-iorquinos do Dub Trio apostam na importância da versatilidade da música. “É bom ter esse trunfo na manga, poder tocar com qualquer estilo de banda e não ficar restrito a um nicho de mercado ou a um tipo de som”, comenta o baterista Joe Tovino. Para o baixista Stu Brooks, a variedade de bandas que o festival *A Música Muda* traz o torna mais interessante. “Isso é bem legal – achar o que elas têm em comum, tipo uma banda brasileira com uma japonesa”, conclui. O SescTV exibe o festival em dois programas, com direção para TV de Daniel Pereira.

FESTIVAL A MÚSICA MUDA REÚNE BANDAS INSTRUMENTAIS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

▶ MÚSICA

Festival A Música Muda: Falsos Conejos, Labirinto e Mouse on the Keys

Dia 12/8, 23h

Festival A Música Muda: Macaco Bong, Huey e Dub Trio

Dia 19/8, 23h



A uma justa distância de Coutinho

FOTO: DIVULGAÇÃO



Eduardo Coutinho gostava de ouvir pessoas. Essa simples ação, fundamental em qualquer jornalista, caracterizou todo seu trabalho e imprimiu um estilo próprio em sua arte de documentar histórias. Para Coutinho, as relações estabelecidas com seus entrevistados eram quase “eróticas”, no sentido amplo da palavra. Relações de corpo. Da fala ligada ao corpo. Relações que expunham as reações de um ser humano diante de outro. Em uma época narcísica em que todos buscam falar de si, o diretor ia na contramão. Sempre buscava, na superfície do cotidiano, o reflexo dos outros, seja em sua ausência como entrevistador em cena, seja na maneira direta de seus questionamentos. “Ser ouvido é ser legitimado? Mas quem quer legitimar o outro? As pessoas só querem se legitimar.” Assim, de forma simples, legitimou cada um de seus entrevistados, anônimos ou ilustres.

Morto em 2014, Coutinho deixou um legado de filmes premiados como *Cabra Marcado para Morrer*, *Santo Forte*, *Edifício Master*, *Jogo de Cena* e *Peões*, além de *Últimas Conversas*, filme póstumo finalizado por seu produtor João Moreira Salles e sua montadora Jordana Berg. Durante as gravações de seu último trabalho, o

cinasta concedeu uma entrevista exclusiva ao diretor Carlos Nader, convidado pelo Sesc São Paulo a produzir um documentário sobre o Trabalho Social com Idosos, programa social que há 50 anos é desenvolvido pela instituição. Segundo Nader, Coutinho, à época com 80 anos, foi sugerido como exemplo de uma velhice ativa e criativa. A entrevista, feita na data que dá nome à produção, rendeu e foi transformada no filme *Eduardo Coutinho, 7 de Outubro*, lançado pelo Selo Sesc e que o SescTV exibe este mês em sua programação.


O longa-metragem faz uma inversão na ordem natural do trabalho de Eduardo Coutinho e coloca um dos mais importantes documentaristas brasileiros diante das câmeras para dialogar sobre seu processo de criação. Nader se utiliza da própria equipe do cineasta – do eletricitista à montadora – e do método “couthiano”: liga a câmera e se preocupa apenas em entrevistar seu personagem, sozinho em cena. Trechos de documentários de Coutinho ilustram seu depoimento ao falar sobre sua trajetória.

Para Nader, a filmografia de Coutinho traz o conceito de explicitar a “verdade da filmagem e não a filmagem da verdade”. Dessa maneira, *Eduardo Coutinho, 7 de Outubro* utiliza não somente a estética metalinguística do documentário dentro do documentário como vai além e faz do documentarista um documento, perene, como um modelo que elucida e instrui. Frente à frente com Nader, Coutinho, exposto tal qual seus entrevistados, lembra que para alcançar a realidade do diálogo é preciso manter uma justa distância entre o entrevistador e o entrevistado: “cerca de 2 a 3 metros”.

**EDUARDO COUTINHO, 7 DE OUTUBRO
INVERTE PAPÉIS E COLOCA UM
DOS MAIORES DOCUMENTARISTAS
BRASILEIROS DIANTE DAS CÂMERAS**

▶ DOCUMENTÁRIO

Eduardo Coutinho, 7 de Outubro

Dia 14/8, 23h 

Olhares Distintos Sobre o Brasil

FOTO: DIVULGAÇÃO



EMICIDA



ANTONIO RISÉRIO



AILTON KRENAK



FRANCISCO BOSCO



EDUARDO VIVEIROS



JOSÉ MIGUEL WISNIK

NOVA SÉRIE REÚNE ESTUDIOSOS, PENSADORES E LÍDERES POPULARES EM UMA DISCUSSÃO SOBRE ASPECTOS IMPORTANTES NA VIDA DO PAÍS

“Acho que estamos em plena revolução.” Com essas palavras o arquiteto e urbanista Paulo Mendes da Rocha traz à tona a urgência em discutir a sociedade brasileira nos dias atuais. Conhecido por suas construções de concreto armado aparente e rigor estrutural, Paulo também é rigoroso ao questionar sobre um dos assuntos que trata com maior propriedade, a cidade. “A ocupação do nosso território sempre foi feita de modo errático. Nós não temos história para nos amparar quanto a essa questão, o que faz com que uma ideia de utopia sobre o desenho urbano seja para nós absolutamente legítima. Então, o que seria a cidade ideal?”

O conceito de cidades, partindo da migração do ambiente rural para o urbano, as questões arquitetônicas e urbanísticas, a especulação imobiliária, as assimetrias e desigualdades sociais são tema do primeiro episódio da série *Galáxias – Olhares Sobre o Brasil*. A partir de depoimentos de estudiosos, pensadores, líderes populares e artistas, o programa apresenta várias reflexões sobre o Brasil contemporâneo e suas perspectivas de futuro.

“Observar a sociedade como ela funciona é muito empolgante porque o Brasil é uma série de contradições espetaculares”, comenta o cineasta e crítico de cinema Kléber Mendonça Filho. O diretor do premiado filme *O Som ao Redor*, que faz uma reflexão da história do país a partir do cotidiano de um bairro de classe média de Recife, é uma das vozes na série que critica a expansão urbana no Brasil: “Na história das civilizações, as cidades oferecem um espaço a ser compartilhado, mas as cidades brasileiras oferecem um espaço a ser isolado, segregado”.

O antropólogo e ensaísta Antonio Risério, responsável pelo projeto geral de implantação do Museu da



KLEBER MENDONÇA FILHO



MAYANA ZATZ



LUIZ BRESSER PEREIRA



MOACIR DOS ANJOS



JAIME AMORIM



PAULO MENDES DA ROCHA

Língua Portuguesa em São Paulo, e do Cais do Sertão Luiz Gonzaga, no Recife, também é crítico em relação à política urbana brasileira e chama atenção sobre o aparente crescimento desordenado das cidades. “Um dos erros da gente é dizer que as cidades crescem sem planejamento. É mentira. São Paulo cresce com planejamento. Só que é o planejamento feito pelos empresários da construção civil”, exemplifica.

Para o pesquisador e curador de arte contemporânea Moacir dos Anjos, hoje, a arquitetura hegemonicamente está dissociada da sua missão política e utópica. “Os tempos são outros, muito mais fragmentados e confusos, com muito menos certezas no horizonte.”

Contudo, outro importante antropólogo brasileiro, Eduardo Viveiros de Castro, ressalta a importância da vida urbana, por mais diversos que os habitantes de uma sociedade sejam. “A cidade é importante porque põe em comunicação direta diferenças: diferentes estratos e origens sociais, cores, credos, raças, sexo, tudo; e é por isso mesmo que ela produz cultura.”

Paulo, Kleber, Antonio, Moacir e Eduardo são apenas cinco dos vários pontos de vista distintos sobre um mesmo tema que corroboram a proposta da diretora da série, Isa Grinspum Ferraz, na escolha dos olhares sobre o Brasil. “São vários ângulos de visão sobre uma mesma questão. Se a questão é cidade, que eu tivesse quinze pontos de vista sobre cidades. Isso é uma espécie de mosaico em movimento, uma espiral que não tem um único ponto de vista”, revela à Revista SescTV (confira entrevista com a diretora na página 8). Dessa forma, Isa obteve suas galáxias,

compostas de vários corpos celestes, cada qual com seu pensamento, sua iluminação, justificando assim o nome do programa.

Em estética documental, *Galáxias – Olhares Sobre o Brasil* traz 12 episódios que contam ainda com a participação de nomes representativos como o sociólogo Jessé Souza, o rapper Emicida, o dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Jaime Amorim, o músico compositor e ensaísta José Miguel Wisnik, o líder indígena Ailton Krenak, o artista plástico Daniel Melim, a geneticista Mayana Zatz e o jornalista Mário Magalhães, além das perspectivas visuais de Cao Guimarães e do coletivo Mídia Ninja. Aspectos importantes da vida do país são abordados de maneira interdisciplinar e intercultural, em temas como cidades, mídias, meio ambiente, movimentos sociais, indivíduos e comportamento, produção estética e política, economia, educação, universidade, identidade nacional e o Brasil no mundo. O programa, realizado pelo IEB - Instituto de Estudos Brasileiros da USP e pelo Sesc SP, é exibido pelo SescTV a partir de 26 de agosto, sempre às quartas-feiras, às 21h.

▶ **GALÁXIAS**
OLHARES SOBRE O BRASIL

Quartas, 21h **L**

Cidades

Dia 26/8

O Ponto e a Linguagem

FOTO: JEFF DIAS



ISA GRINSPUM FERRAZ é socióloga e cineasta. Começou sua carreira em 1980, na fundação Roberto Marinho. Atuou com Darcy Ribeiro, na década de 1990, escrevendo e dirigindo o programa *Escola pela TV*, na Rede Manchete. Concebeu e dirigiu a série *O Povo Brasileiro*, baseada na obra de Darcy Ribeiro, exibida no canal GNT e na TV Cultura, e as séries *Intérpretes do Brasil* e *O Valor do Amanhã*, para o programa Fantástico da Rede Globo. Seu primeiro longa-metragem, o documentário *Marighella*, conta a história de seu tio, o guerrilheiro Carlos Marighella. Em 2015, Isa dirige a série *Galáxias - Olhares Sobre o Brasil*, realizada pelo SescTV e pelo IEB.

MINHA PREOCUPAÇÃO SEMPRE FOI TENTAR USAR AS LINGUAGENS PARA FALAR A TODO MUNDO, SEM PERDER A COMPLEXIDADE DOS TEMAS

De que forma a Sociologia e o Cinema influenciaram sua trajetória?

Eu sempre fui cinéfila. Desde pequena, tinha essa pulsão pelo cinema, ia todos os dias após o colégio. Mas quis estudar Ciências Sociais porque venho de uma família de tradição humanista, de esquerda, não tinha como fugir. Quem me levou a juntar as duas coisas foi Lina Bo Bardi. Trabalhei com ela durante dois anos, organizando seus arquivos. Eu ainda estava na faculdade, e Lina me disse: "Você tem que trabalhar com cinema. Sua cabeça funciona por imagens". Nunca havia pensado nisso. Ela me indicou a alguns amigos que trabalhavam na Globo, e entrei para a Fundação Roberto Marinho, onde trabalhei por dez anos com séries de documentários. Depois, conheci Darcy Ribeiro, com quem trabalhei durante 12 anos, e quem me inspirou a fazer a série *O Povo Brasileiro*. Esses temas sociológicos e antropológicos sempre permearam minha vida, e meu trabalho acabou resultando nisso. Em 2003, fui chamada para desenvolver o Museu da Língua Portuguesa, quando entrei enfim para a área dos museus. Ao longo de minha trajetória, pude circular por essas áreas e, hoje, estou sempre intercalando trabalhos.

Qual a contribuição de Darcy Ribeiro e Lina Bo Bardi em seus trabalhos?

Trabalhar com Lina e com Darcy foi um privilégio absoluto. Essa foi minha escola, na verdade. Reconheço a importância de minha formação, mas trabalhar com Lina e Darcy me abriu um horizonte do mundo e do Brasil. O olhar multidisciplinar que ambos tinham me possibilitou uma nova forma de pensar o país. Eles eram muito especiais e pensavam o mundo de uma maneira livre. Eu não consigo ter nem um tiquinho daquela liberdade que os dois tinham, obviamente, mas isso me deu um desejo de querer ver e pensar o Brasil para todos. Meu objetivo não é fazer um trabalho acadêmico, não é fazer algo para os pares. Minha preocupação sempre foi tentar usar as linguagens para falar a todo mundo, sem perder a complexidade dos temas.

A televisão é um meio para a discussão desse pensamento sobre o Brasil e a sociedade atual?

Não só a televisão, mas todos os meios audiovisuais, ampliados agora pelas redes sociais. A vantagem da TV é conseguir unir emoção e reflexão de uma maneira mais orgânica, com camadas de imagem, de som e de texto que se somam. Minha pesquisa de linguagem vai sempre nesse sentido: criar camadas de significados diferentes, que todos possam compreender de algum jeito em algum lugar. A pessoa pode não entender um texto sofisticado, mas a imagem, a beleza e força da imagem podem capturar a pessoa e levá-la à reflexão, à vivência de emoções.

Existe espaço para reflexão na TV aberta?

Precisamos de espaços mais amplos para uma reflexão maior, com tempo para acompanhar um pensamento se desenvolvendo, para amadurecer ideias. Mas existem boas oportunidades na TV aberta que não podemos perder. Tive uma experiência muito interessante quando fui convidada a fazer a série *O Valor do Amanhã*, baseada na obra do sociólogo e economista Eduardo Giannetti, para o Fantástico. Foi estranho, nem eu nem eles achávamos que ia dar certo. Quando apresentei o primeiro roteiro de dez episódios, o diretor recusou. Insisti, queria experimentar. Fizemos o piloto e foi ao ar. Eles me deixaram fazer o segundo; a audiência cresceu. Fiz o terceiro e cresceu novamente. Um quadro que abria com o ator Matheus Nachtergaele declamando trechos de Machado de Assis, de Schopenhauer, tratando de poesia, de filosofia, de questões sobre o tempo, chegou a ser líder de audiência em um programa de TV aberta. Ou seja, todo mundo tem capacidade de entender tudo, se você achar o ponto e a linguagem. É a maneira como você trata as coisas, sem menosprezar a inteligência do público, que faz a diferença.

E como fez para achar o ponto e a linguagem no cinema, em um filme sobre *Marighella*?

Foi difícil. Escrevi o roteiro de *Marighella* em 1986, e o depusitei na Biblioteca Nacional. Ele foi aprovado na lei Mendonça, mas não consegui apoio na época para fazer um filme como esse. Desde pequena, quando soube que meu tio Carlos era o Marighella, fiquei com a pergunta na cabeça: como assim, o cara é bandido, mas é meu tio? Quando seu centenário se aproximou, eu senti que tinha de retomar o projeto. O roteiro antigo foi usado como base, mas foi muito difícil achar o tom do filme, pois tinha de contar uma história para alcançar aqueles que nem sabiam que esse homem existiu. Tive a colaboração do Mano Brown, que fez uma canção espetacular e abriu a porta para um universo gigante de pessoas que agora sabem quem foi Marighella. Wagner Moura fez outro filme sobre meu tio e Caetano Veloso também compôs uma música. Fiquei satisfeita porque meu trabalho acabou gerando frutos importantes e uma discussão maior.

A série *Galáxias – Olhares Sobre o Brasil* também amplia a discussão e reflexão sobre sociedade brasileira. Como surgiu a proposta do programa?

Ao completar seus 50 anos, o IEB – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – decidi abrir seus arquivos à sociedade e pensou em fazê-lo a partir de uma série para a TV. Fui convidada para escrever o roteiro e entrei em contato com o Sesc São Paulo para viabilizar a produção. Chegamos a doze temas fundamentais para pensar o Brasil atual e buscamos pessoas que enriquecessem a discussão com seus olhares particulares, como o sociólogo Jessé Souza, o filósofo Francisco Bosco, o rapper Emicida, o dirigente do MST Jaime Amorim, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, entre outros. Procuramos nomes legítimos, cada um em sua área. Convidei ainda Cao Guimarães para se expressar através de seus vídeos, o coletivo Mídia NINJA para ilustrar as discussões com suas fotos e ainda o DJ Dolores para compor a trilha da série. Todos são depoentes. A ideia era essa: caras muito bons representando diferentes pontos de vista sobre importantes questões sociais.

**É A MANEIRA COMO VOCÊ TRATA
AS COISAS, SEM MENOSPREZAR
A INTELIGÊNCIA DO PÚBLICO,
QUE FAZ A DIFERENÇA**



A falta que faz a razão comunicativa

A distinção entre informação e comunicação tem sido destacada em certos âmbitos da sociedade contemporânea. Entre outras conclusões derivadas dessa distinção, a mais comum é a de que não há uma relação automática entre o aumento da geração e circulação de informações e o enriquecimento dos cenários comunicativos produzidos pelas relações sociais. A conjuntura brasileira atual em suas dimensões social, cultural e política é pródiga de demonstrações dessa relação complicada entre informação e comunicação. No entanto, se num domínio de discussões (filosófico e acadêmico, por exemplo) essa relação é vista de forma problematizadora, o mesmo não se dá em termos sociais mais amplos, o que por si só comprova a falta de trânsito comunicativo entre os “mundos culturais” de nossa sociedade.

O que predomina socialmente é a representação que assimila a informação à comunicação. O indicativo mais forte dessa fusão é a crença (que não deixa de ser ideológica) de que a prevalência do direito constitucional de livre expressão e de manifestação por si só comporia quadros comunicativos razoáveis em nossa sociedade. Ora, esse direito é, antes de tudo, privado e não garante o direito geral da população à informação plural e de boa qualidade, esse sim de caráter público capaz de alimentar discussões mais razoáveis em nosso país. Não há garantias de que a junção de toda a informação gerada e posta em circulação pelo nosso sistema midiático convencional e pelo novo representado pelas redes sociais resulte na realização aceitável do direito à informação da população em geral.

Um quadro social comunicativo digno desse nome pressupõe o conflito e o debate totalmente livre de ideias em que a liberdade de expressão opera, mas pressupõe também a disposição de ouvir o outro e de mudar de opinião, a operação de uma razão comunicativa que entende que opiniões mais razoáveis surgirão dos embates. Tendo em vista a relação da sociedade brasileira, seus quadros de comunicação e o mundo informacional, o que temos assistido é a formação de “enclaves semânticos e ideológicos” de grupos sociais que se manifestam pela mídia tradicional ou pelas redes sociais que estão mais interessados em arregimentar forças do que debater sinceramente, conhecer e compreender a posição do outro. É uma razão estratégica se sobrepondo à razão comunicativa. Nossos ambientes de discussão são marcados pela convergência de ideias. São espaços onde a divergência é hostilizada e expulsa e não é vista como elemento natural de qualquer discussão social.

Essa ausência de cultivo da razão comunicativa não é um defeito de apenas alguns setores, ela é mais ou menos generalizada e está presente em “três ordens”

de grande importância, responsáveis pela iniciativa de geração de informações e pela intermediação civilizadas dos debates públicos: 1. encontra-se no nosso *sistema político*, que não produz nem repercute discussões políticas de fato, substituindo-as por acordos estratégicos de bastidores; 2. manifesta-se fortemente no nosso *sistema midiático tradicional*, marcado pela banalidade e pela parcialidade; 3. também impera, de forma desoladora, no *mundo universitário*, produtor e reproduzidor do conhecimento científico.

No âmbito acadêmico, em tese, não se poderia conceber as práticas do ensino e pesquisa científica sem a contraposição de ideias, sem o domínio de uma razão comunicativa. Contudo, são fartos os exemplos de funcionamento interno do nosso sistema universitário para demonstrar a supremacia de uma razão estratégica sobre a comunicação aberta e desinteressada. Também é notório o fracasso comunicativo desse sistema com a sociedade de um modo geral. Um exemplo significativo é o do conhecimento gerado pelas chamadas ciências humanas e/ou sociais, que, junto a seus produtores, tem tido seu prestígio apagado nos debates públicos existentes. Nem são interlocutores do que está posto e pautado por outras ordens (os sistemas midiático, político e econômico), como muito menos conseguem pautar os debates que se entende, no mundo da pesquisa, como relevantes e que estão ausentes das discussões públicas. Nesse caso, ou estamos diante de uma incapacidade de origem desse tipo de conhecimento, ou de um desperdício de um repertório que teria um papel importante nos debates e na busca de soluções para as grandes questões sociais.

Não é plausível que o problema seja de qualidade do conhecimento gerado no mundo universitário, que, aliás, deve ser “desentocado” como um dos meios para seu maior aperfeiçoamento. Então, onde estaria a dificuldade dessa “ordem cultural” inserir-se produtivamente nos debates públicos? A discussão é complexa, multifacetada e longa. Por ora, vale refletir sobre o ambiente de hostilidade que se instaurou entre a academia e o sistema midiático. Não é de espantar que a comunicação entre esses dois mundos esteja tão deteriorada e que o ponto de desacordo maior se encontre justamente entre os conhecimentos das ciências humanas e o sistema midiático? É necessário refletir sobre as razões desse abismo que se expande e construir, urgentemente, pontes que restabeleçam essa comunicação.

Jaime Tadeu Oliva é doutor em Geografia Urbana, docente e pesquisador do Instituto de IEB - Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

ÚLTIMO BLOCO

FOTO: FLUIDIP



NOVAS PERSPECTIVAS

O *Instrumental Sesc Brasil* deste mês exibe diferentes percepções sobre a música: no **dia 2**, os pianistas *Fabio Caramuru* e *Marcos Bernardo* relembram clássicos da música brasileira, como Heitor Villa Lobos. No **dia 9**, *Mauro Alberto Quartet* apresenta composições do inusitado jazz cigano. No **dia 16**, o premiado *Marcos Abjaud* mostra seu repertório, com a participação do saxofonista Marcelo Martins. O *Duo Alemão* e *Rudy Arnaut* se apresentam no **dia 23**. E fechando o mês, *Webster Santos* toca canções que mesclam ritmos brasileiros, jazz, rock, pop e fusion, no **dia 30**. Domingos, às 21h. **L**

FOTO: DIVULGAÇÃO



TINTA DE CONSCIÊNCIA

A campanha *O Cartaz HIV Positivo* espalhou pela cidade de São Paulo cartazes impressos com sangue de pessoas soropositivas. A iniciativa, realizada pela ONG Grupo de Incentivo à Vida, conta com um vídeo que mostra a impressão das peças e a reação das pessoas ao verem os cartazes nas ruas. Além disso, a campanha apresenta microdocumentários com depoimentos dos doadores do sangue. A ideia é que a sociedade se conscientize cada vez mais e não traga consigo preconceitos sobre a doença. Tanto o vídeo quanto os microdocumentários são exibidos pelo SescTV durante os intervalos da programação. **L**

CLÁSSICOS NO VIOLÃO

O professor da Royal Academy of Music, em Londres, Fabio Zanon executa obras de Henry Purcell, Manuel Ponce e Enrique Granados no **dia 4**, na série *Movimento Violão*. **Dia 11**, Paulo Martelli, idealizador do programa, apresenta peças de Johann Sebastian Bach em um violão de 11 cordas. Ainda em agosto, Giacomo Bartoloni (**dia 18**) e Regina Albanez (**dia 25**) executam clássicos no violão. Terças, às 20h. **L**

PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA

Em *História e Memória* (**dia 3**), da série *Na Sombra da História*, o diretor João Batista de Andrade mescla imagens das manifestações populares ocorridas em 2013 com imagens de seu documentário *A Greve*. Para Andrade, “as câmeras são testemunhas da filmagem, de como as pessoas de hoje se relacionam com a História”. O episódio de *Apresentação* da série será exibido no **dia 10**; *Escravidão*, **dia 17**; *Inconfidência Mineira*, **dia 24**; e no **dia 31** vai ao ar o programa *Dom João VI*. Segundas, às 20h. **L**

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesc.tv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães

Redação: João Cotrim

Editoração: Ana Cláudia Imaizumi Pereira

Revisão: Marcelo Almada

SescTV

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi
Estagiária: Carolina Pulice

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesc.tv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesc.tv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista à programação do SescTV ao vivo.



SUPER LIBRIS

A escrita, a leitura,
a literatura,
autores e leitores

ESTREIA
28/9
às 21h

Acompanhe o SescTV:
sesc.tv.org.br



/SECTV